

Um dramaturgo obsessivo pela estado reflexivo

PÁGINA 6



Novo 'Bad Boys' reafirma a fama de Will Smith

PÁGINA 3



Um saboroso roteiro romântico para o dia 12

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Chegou “Grande Sertão: Veredas” versão distópica. Em meio às comemorações dos 20 anos de seu longa-metragem de maior sucesso pop (“O Homem Que Copiava”), o gaúcho Jorge Furtado viu seu nome reverberar na Estônia, nos créditos de roteiro do novo longa-metragem de seu parceiro mais recorrente desde os anos 1990, o pernambucano Guel Arraes.

O filme fez parte da seleção do Tallin Black Nights Film Festival, na categoria Critics' Picks. A projeção do filme em telas estonianas contou com a presença do produtor Manoel Rangel, da diretora de 2ª unidade e produtora artística Flávia Lacerda e do ator Luis Miranda, que vive o chefe de uma polícia não muito honesta, chamado Zé Bedelo.

Essa nova imersão do audiovisual no corolário estético de Guimarães Rosa (1908-1967) é produzida pela Paranoïd Filmes, numa coprodução Globo Filmes, a ser lançada comercialmente em maio, via Paris Filmes. Também diretores, Caio Blat e Luisa Arraes (filha do cineasta) assumem os papéis centrais, vivendo Riobaldo e Diadorim.

“Eu e o Guel falamos de ‘Grande Sertão’ há muito tempo e pensávamos no desafio de fazer o filme. Quando ele se concretizou, a gente estabeleceu dois princípios que acho que nunca foram questionados”, contou Furtado ao Correio da Manhã, na época de Tallin.

Lá fora, até hoje, ele sempre é lembrado pelo sucesso mundial de “Ilha das Flores”, premiado na Berlinale em 1990. “Foram desafios autoimpostos que nós cumprimos à risca. O primeiro era trazer o filme para hoje, trazer a história para o tempo atual ou para um futuro próximo. Fazia sentido falar dessa história agora, mostrando o quanto ela é atual nesse Brasil tão violento, de tanta guerra em todos



Diadorim (Luisa Arraes) e Riobaldo (Caio Blat) no Grande Sertão distópico de Guel Arraes

Universo roseano é contemporâneo

Com Jorge Furtado no roteiro e Guel Arraes na direção, ‘Grande Sertão’ leva a prosa do autor mineiro para os cinemas

os lugares, de mortes, onde a questão do Bem e do Mal está muito presente. As reflexões filosóficas do Riobaldo são muito atuais. A segunda tarefa autoimposta foi respeitar ao máximo possível o texto do livro, as palavras do Guimarães Rosa. Esses dias fiz uma conta: por causa do trabalho, fiz 40 adaptações de livros para TV ou cinema. ‘Grande Sertão’ é a de número 40. Garanto que, de todas elas, é a mais fiel”, diz Furtado.

Adaptado para a televisão por Walter Avancini (1935-2001) em 1985, com Tony

Ramos e Bruna Lombardi, “Grande Sertão: Veredas” foi publicado em 1956, pela editora José Olympio, e virou um marco da reinvenção da língua portuguesa a partir da incorporação da fala coloquial dos sertanejos de Minas Gerais – estado natal do escritor.

Apoiado num elenco estelar, que inclui Mariana Nunes, Luellem de Castro, Rodrigo Lombardi (magistral em cena, como Joca Ramiro), Eduardo Sterblitch, o já citado Luis Miranda, o roteiro transpõe o texto de Rosa para uma realidade digna de “Mad Max”. Nele, en-

contramos o universo da violência do chamado “banditismo social” noutra território, o da periferia urbana. O tempo histórico da narrativa parece indeterminado, mas seu tom é épico, e segue a trajetória de Riobaldo, professor que ingressou no bando por amor a Diadorim.

“A gente trabalhou muito para contar essa história”, orgulha-se Furtado. “Espero que as pessoas queiram ver o filme na telona e espero que, a partir dele, queiram ler o livro, que é tão comentado e, infelizmente, não muito lido”.

Alvos na corrida ao **Leopardo de Ouro**



Primeiras apostas para a Locarno 2024 já começaram

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Já tem data para a 77ª edição do Festival de Locarno: 7 a 17 de agosto, na Suíça, na fronteira com a Itália. A proximidade da festa cinematográfica já agita o mercado cinematográfico, com apostas para as vagas na competição pelo Leopardo de Ouro de 2024. Fala-se desde já nos possíveis concorrentes e de potenciais atrações para seções hors-concours na maratona organizada sob a curadoria de Giona A. Nazzaro:

“CHOCOBAR”, DE LUCRECIA MARTEL (Argentina): Seis anos depois do aclamado “Zama”, a diretora argentina aposta nas narrativas documentais, explorando os bastidores políticos da morte do militante indígena Javier Chocobar por latifundiários.

“LE MOLIÈRE IMAGINAIRE”, DE OLIVIER PY (França): Um dos atores mais consagrados da Europa hoje, Laurent Lafitte encarna o próprio Molière, numa trama ambientada em 1673, quando o dramaturgo apresenta “O Doente Imaginário” e se acometido por um mal de saúde. Seu empenho é permanecer no palco e manter a dignidade.



Divulgação

Chocobar



A Arca de Noé



Armored



Doraemon: Nobita's Earth Symphony



Los Viejos Soldados

“THUG”, DE HANS PETER MOLLAND (EUA): Queridinho de Berlim, o cineasta norueguês retoma sua parceria com o Charles Bronson dos anos 2010/2020, o irlandês Liam Neeson, a fim de narrar a saga crepuscular de um gângster que, cansado do crime, decide fazer as pazes com parentes há muito sumidos.

“DORAEMON: NOBITA'S EARTH SYMPHONY”, DE KAZUAKI IMAI (Japão): Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso de Ouro consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática

volta com a saga do gato robótico Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desastrado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

“ALMA”, DE SALLY POTTER (Reino Unido): Aos 73 anos, a diretora do cult “Orlando, A Mulher Imortal” (1992) volta às telas para narrar as disputas familiares de um clã de arqueólogos que usa um sítio de escavação de fósseis como arena para uma guerra de egos.

“LOS VIEJOS SOLDADOS”, DE JORGE SANJINÉS (Bolívia): O veteraníssimo diretor de “A Nação Clandestina” (1989) regressa à ficção para narrar a jornada de um grupo de revolucionários da América Latina hoje, numa luta contra contratempos do capitalismo.

“PASHMINA”, DE GURINDER CHADHA (Reino Unido): Nascida no Quênia, a cineasta inglesa de origem indiana aposta na linguagem de animação para narrar o périplo de uma adolescente pra descobrir sua ancestralidade a partir de um cachecol.

“A ARCA DE NOÉ”, DE SÉRGIO MACHADO (Brasil): Produzido por Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moares, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e do já citado Noé) lutam para escapar do dilúvio.

“ARMORED”, DE JUSTIN ROUT (EUA): Agora que Sylvester Stallone virou cult, com homenagem em Cannes (em 2019) e filme de encerramento no TIFF -Toronto Film Festival (em setembro), é provável que ele brilhe em Berlim no papel de um segurança de transporte de valores que tem o caminhão perseguido por criminosos.

“NOBODY'S HEART”, DE ISABEL COIXET (Espanha): A prolífica diretora catalã conhecida por cults como “Fatal” (2008) narra a desagregação de um casal vivido por Gugu Mbatha-Raw e Edgar Ramírez, com base em conto de William Boyd.

Tela ainda quente para Will Smith

Apesar das controvérsias em que se envolveu no Oscar, ator segue popular e se prepara para brilhar em 'Bad Boys Até o Fim', que pode virar o fenômeno comercial da temporada

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Num ano de arrecadações pífias se comparadas às demandas históricas de Hollywood, sem um filme sequer na marca do bilhão, "Bad Boys: Até o Fim" ("Bad Boys: Ride or Die") pode virar o jogo e se tornar o faturamento mais alto do ano. Esse posto, até agora pertence à "Duna: Parte II", com US\$ 711 milhões de receita. Mas o novo filme da franquia fundada em 1995 pode dar uma guinada nos números dos exibidores, graças ao carisma de Will Smith. Sua imagem será posta à prova a partir deste fim de semana.

Com destaque no menu da Apple TV com "Emancipation", no papel de um escravidão em fuga, Will(ard Carroll) Smith (II) dividiu opiniões quando retaliou com um tapa na cara a piada humilhante feita por Chris Rock com sua mulher, Jada Pinkett-Smith, na festa do Oscar de 2022. Alguns pediram seu cancelamento. Outros aplaudiram seu instinto de proteger sua companheira.

Controvérsias à parte, sua carreira seguiu, ele conquistou uma estatueta por "King Richard: Criando Campeãs", e, nesse tempo, um dos filmes mais importantes de sua trajetória profissional manteve-se ativo nas plataformas de streaming: "Bad Boys Para Sempre" ("Bad Boys For Life"). Orçada em US\$ 90 milhões e consagrada como o maior sucesso de bilheteria de 2020, antes do lockdown



Divulgação

'Bad Boys Até o Fim' pode se tornar a bilheteria do ano, apoiado no carisma dupla formada por Martin Lawrence e Will Smith desde o início da popular franquia

decretado em função da covid-19, a produção pagou as contas de Hollywood e deu um troco. Pode ser vista hoje na Amazon Prime e no YouTube, enquanto os dois filmes anteriores da saga estão na MAX. Esta terceira parte das aventuras de Marcus Burnett (Martin Lawrence) e Mike Lowry (Smith) teve uma arrecadação estimada em US\$ 426,5 milhões. Neste momento, seus realizadores, Adil El Arbi e Bilall Fallah, purgam com a delicada decisão do grupo Discovery – Warner de suspender a estreia de "Batgirl", no circuito e na já citada Max. Mas são eles que assinam "Até o Fim", no qual Burnett e Lowry caem numa acusação de corrupção envolvendo seu chefe, o Capitão Howard (Joe Pantoliano).

Para entender o potencial filmaço que vem chegando, vale rever a parte 3, em streaming.

Por demandas familiares, após a chegada de um netinho, o detetive Marcus Burnett resolve se aposentar, sem levar em consideração a necessidade que seu parceiro de distintivo (e de fé), Mike Lowry, tem de sua presença, indo se aboletar no sofá de sua casa, para ver

telenovelas. Na modorra do lar, ele quebra um ventilador, queima o disjuntor de luz e leve um bebê para as mais inapropriadas situações, demonstrando sua inaptidão para ser avó. Nada mais corriqueiro e demasiadamente humano, sempre atento aos folhetins de sua TV. "Bad Boys For Life", que estreou nos EUA em 17 de janeiro de 2020 – com um faturamento de US\$ 112 milhões, arrecadado em apenas três dias, lá e em um punhado de países – vibra nessa toada, a da vida como ela é... ou como a teledramaturgia nos fez crer que ela seja. Burnett dá a Martin Lawrence um espaço pra brincar de Jack Lemmon. Ele é gente como a gente, ele analisa as coisas simples (outras nem tanto) da vida, enquanto tenta levar uma rotina de paz. Mesmo seu companheiro de armas, Lowry – um personagem que devolve ao cinquentão Willard Carroll "Will" Smith Jr. um viço apolíneo há muito perdido – é engolfado por essa marola de "deixa a vida me levar".

Só que pra ele é mais difícil, uma vez que há um assassino em seus calcanhares neste terceiro tomo da franquia criada por Michael

Bay ("A Rocha") em 1995, e hoje (bem) confiada a Adil El Arbi e Bilall Fallah. É, no mínimo, avassalador o modo como eles refrescam uma grife que já soma um quarto de século sobre os ombros, não apenas pelo combustível de adrenalina em seu sangue, mas por seguirem uma marcha oposta ao politicamente correto e castrações afins. E é, ainda, uma narrativa de afirmação e inclusão, essencial a um tempo em que as lutas raciais nos EUA (e no mundo) elevam cada vez mais suas vozes (com toda a razão) contra a opressão e as práticas sectárias. Vale lembrar que a (hoje) trilogia nasceu no torvelinho histórico dos protestos contra o espancamento do operário Rodney King, pela Polícia de LA, em 1991. O episódio, somado a reflexões inerentes a I Guerra do Iraque, fizeram da correção política uma filosofia, que, atualmente, costuma ser empregada nem sempre para a meta que almejava: a integração das gentes. Mas "Bad Boys Para Sempre" toca no bloco do humanismo.

Em meados dos anos 1990, quando Bay dirigiu o primeiro longa com Burnett e Lowry – orçado em US\$ 19 milhões o projeto faturou US\$ 141 milhões -, saindo da condição de "realizador de videocliques" para o posto de "promessa da direção", a jornalista brasileira Ana Maria Bahiana publicou um ensaio analítico riquíssimo sobre o contexto industrial e social do projeto. Ela dizia que Smith e Lawrence chegavam para dar continuidade a um legado heroico descolado aberto pelo já citado Eddie Murphy, que tinha a função de dar a plateias negras um herói com os quais elas se identificassem diretamente, sem passar por um arquétipo WASP. Murphy, a quem os Oscars ignoraram em seu magistral desempenho em "Meu Nome É Dolemite" (2019), foi a gênese do que os "Bad Boys", a marca, virou: ou seja, uma inspiração para novos espectadores. Era uma porta aberta para novos talentos afrodescendentes e também para latinos hispânicos. E, aqui, na constante referência do longa de Adil e Billal ao espírito folhetinesco das novelas, a latinidade ganha múltiplos corpos, olhares e brilhantismos, como é o caso da mexicana Kate Del Castillo (de "A Rainha do Sul"), em memorável participação como a vilã Isabel Aretas; ou como é a situação do matador que espreeita Lowry, Armando, vivido pelo inglês com DNA das Guianas Jacob Scipio; ou ainda a situação de Paola Nuñez, também do México, que se desenha como "o" achado do longa, no papel da policial Rita.

Na cópia dublada em português de "Até o Fim", destaca-se o desempenho de Mauro Ramos como a voz nacional de Lawrence enquanto Márcio Simões empresta o gogo a Smith.

ANNECY
FESTIVAL

Éden da animação recebe filme de Michel Hazanavicius baseado em best-seller de Jean-Claude Grumberg, exibido antes em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro



'La Plus Précieuse des Marchandises' leva a prosa de Jean-Claude Grumberg à magia da animação

A mercadoria mais preciosa de Annecy

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Jardim do Éden da indústria animada, consagrado por revelar desenhos e filmes em técnicas como stop-motion e computação gráfica que se candidatam ao Oscar, o Festival de Annecy, na França, abre sua edição de 2024 neste domingo apostando numa farta diversidade de temas, entre eles o horror do Holocausto. Mas o assombro da II Guerra Mundial entra nas telas do evento, com toda a sua bestialidade, na forma de uma fábula sobre esperança e resiliência: "La Plus Précieuse Des Marchandises".

Indicado à Palma de Ouro de Cannes, o longa-metragem é baseado no best-seller homônimo de Jean-Claude Grumberg, lançado nas livrarias como "A Mercadoria Mais Preciosa". A direção é do francês Michel Hazanavicius, diretor do oscarizado "O Artista" (2011).

"O produtor chegou a esse projeto antes de mim, antes que eu lesse o livro, e eu jamais havia pensado em fazer algo ligado à Shoah antes, pelas minhas origens familiares judaicas. Tinha uma questão de

legitimidade histórica, até pelo fato de eu ter nascido em 1967, bem depois da Guerra. Mas a possibilidade de abordar o tema sob uma ótica fabular e a força do texto de Grumberg me interessaram. Existe uma pergunta que aquele livro evoca ao falar do Holocausto: 'Se Deus existe, onde ele estava quando aquilo tudo aconteceu?'. Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia desse conta disso", disse Hazanavicius em Cannes. "Sou um diretor ligado à comédia, a filmes leves. Fazer uma animação também era um desafio. Hesitei até que minha mulher (a atriz Bérénice Bejo) disse 'Você tem que fazer'. Ai...".

"La Plus Précieuse Des Marchandises" compete em Annecy com dez outros filmes: "Angelo

“*Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia desse conta disso”*

Michel Hazanavicius

dans la forêt mystérieuse" (França); "Flow" (Letônia); "Anzu, Chat-fantôme" (Japão); "Sauvages" (Suíça); "The Colors Within" (Japão); "Memoir of a Snail" (Austrá-

lia); "Totto-Chan: La Petite Fille à la fenêtre" (Japão); "Rock Bottom" (Espanha); "Slocum et moi" (Luxemburgo); "The Imaginary" (Japão); e "L'Orage" (China).

"Fazer um filme animado é bem diferente do live-action, principalmente por conta do trabalho com a engenharia de som exigido pelo formato, no qual o impacto sonoro é essencial", disse Hazanavicius, que antes rordou "O Fomri-dável" (2017), sobre Jean-Luc Godard (1930-2022), e o "O Príncipe Esquecido" (2020), superprodução com Omar Sy.

Na trama animada filmada por Hazanavicius, um casal de lenhadores observa, diariamente, trens atulhados de gente passarem diante de seus olhos. Ingênua, a mulher sempre espera por um aceno ou mesmo um presente. "Para onde vão essas

peças?", ela se pergunta. Até que alguém joga o presente que ela jamais pensou receber: um bebê. O marido, num primeiro momento, pensa em devolver a criança, mas, pouco a pouco, encanta-se pela menina e deixa seu instinto paterno aflorar. A narração foi feita por um mito das telas Jean-Louis Trintignant (1930-2022), pouco antes de sua morte.

"Jean-Louis era a voz mais bonita do cinema francês. Foi incrível gravar com ele e agora que ele não está mais aqui, entre nós, sua voz se faz ainda mais presente", disse o diretor, que conta que o trabalho de produção dos desenhos, na direção de arte, levou cerca de três anos para sair do papel. "Não busquei reproduzir a realidade como ela é. Meu maior empenho era fazer um ensaio humanista, um tributo ao coração".

Vai ter Brasil em concurso em Annecy, na mostra Contracampo, com "Our Crazy Love", de Nelson Botter Jr.



Pegue o caminho da roça para o maior circuito de festas juninas do Estado do Rio. No Arraiá Sesc tem tudo para você se divertir e aproveitar a melhor época do ano. São 35 festas em várias cidades para você e toda a sua família.

Venha curtir com a gente!

Até **14/7**

- Danças
- Comidas tradicionais
- Quadrilhas
- Jogos
- Forró
- Brincadeiras e muito mais.



Garanta seu ingresso nas nossas unidades e confira a programação em sescrj.org.br

A venda de ingressos iniciará 15 dias antes da data prevista para a realização de cada festa. Sujeito a lotação. Caso os ingressos esgotem, é possível comprar na hora, mediante análise de lotação.



Joedson Miguez/Divulgação



Aldri Anuniação, dramaturgo: 'Quero é que o que está no palco, vire debate, conversa, pensamento'

Um autor obsessivo pela reflexão

Dramaturgo baiano Aldri Anuniação está em cartaz com 'O Pequeno Manual Antirracista'

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

A história de um herói sempre é marcada por atos de coragem. Ao ler "Capitães de Areia", cujos personagens seriam vizinhos de sua avó, o menino Aldri foi instado a ir conversar com o "pai" de Pedro Bala. Vizinho de Jorge Amado, foi ao seu encontro e disse que queria ser amigo daqueles meninos. "Como posso conhecê-los?". A resposta do autor foi enviá-lo à atriz Nilda Spencer que tinha um grupo de teatro.

Aldri Anuniação tem o prazer dos personagens com quem se en-

controu na infância e a coragem de se expor nos temas que lhe interessam: "Faço troça com a plateia, mas o que quero é que reflitam e que o que está no palco, vire debate, conversa, pensamento". Premiado com Jabuti, maior prêmio da literatura brasileira, com "Namíbia, Não", desde então está com peças de sucesso rodando o Brasil.

A primeira, baseada no livro, foi levada aos palcos sob a direção de Lázaro Ramos, se tornou um sucesso de crítica e público. "Namíbia, Não" já foi vista por mais de 1 milhão de espectadores e depois seria adaptada ao cinema, com direção de Lázaro, no longa "Medida Provisória".

Caio Lírio/Divulgação



Luana Xavier atua no monólogo 'O Pequeno Manual Antirracista', adaptado do livro de Djamilla Ribeiro

A homenagem a Antonio Pimenta em "Embarque Imediato" apresenta diferentes pontos de vista para levar o espectador às suas próprias conclusões a partir das reflexões e argumentações tecidas ao longo da cena. Assim acontece em "Pele Negra", "Máscara Branca, em Campo de Batalha" e agora em "Pequeno Manual Antirracista", em cartaz no Rio.

Aldri Anuniação é baiano, doutor em Artes Dramáticas e andou por Europa, França, Bahia, mas também na Alemanha, Áustria, Rio, São Paulo. Trabalhou com grandes diretores como Gabriel Villela, Lázaro Ramos, Márcio Meirelles; participou de processos de montagem de óperas; é, ele próprio, produtor e diretor de seus textos.

"A dramaturgia que desenvolvo na tese de doutorado, é aquela que confina a personagem e planta um debate. A minha tentativa é que a plateia não perceba que está ao meio do debate. Para que as pessoas acabem por entrar nessa debate, vou divertindo através do texto dramático", reflete Aldri ao definir sua obra.

"Defendo esse entretenimento capaz de fazer a reflexão filosófica e política, uma junção do best seller com a reflexão. Agora, na adaptação de 'O Pequeno Manual Antirracista' de Djamilla Ribeiro, penso que esse texto, como todo manual, não se aprofunda. Meu trabalho foi tentar abrir abas complicadoras de pensamento", explica.

Aldri é carnavalesco em todos os sentidos. Sua família, banida pelo racismo dos blocos em Salvador, criou o Bloco Realce. Artista em toda sua totalidade - escreve, atua e dirige -, pegou o trio elétrico do teatro e não se perde. Agora está no processo de adaptação de "Torto Arado", o best seller do seu contemporâneo Itamar Vieira Júnior. "Gosto de disparar a metralhadora e ir mandando bala na plateia. Faço assim em todos os meus trabalhos", avisa.

SERVIÇO

O PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1 - Centro)
Até 11/6, às segundas e terças (19h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / FAMINTA

Lorena Zschaber/Divulgação

Você tem fome de quê?

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há várias formas de fome. Ambição. Prazer. Amor. A fome é sempre associada a se ter algo que é fundamental à nossa sobrevivência. A sensação é de carência, mas é desejo que pode ser doloroso, inesperado, difícil. “Faminta”, com a cineasta, atriz e contorcionista, Natasha Jascalevic e direção de Duda Maia, nos apresenta um ambiente em que a plasticidade do cenário, da luz, do figurino, servem perfeitamente à metáfora sobre a capacidade de ir além.



Natasha Jascalevic em ‘Faminta’, uma metáfora sobre ir além

A primeira observação que nos invade, é o vermelho, vida, sangue e carne no conjunto formado pelo plástico. O esplêndido trabalho de Duda na direção é capaz de criar cenas em que faz a capacidade de expressão corporal de

Nastasha se transformar em uma instalação que se move, interage com a plataforma, com o plástico que toma o palco e que se move como uma massa corporal moldável ao que se deseja.

Ao mesmo tempo, há uma recordação da obra do pintor irlandês Francis Bacon que conta que, ao se deparar com a vitrine de um açougue, refletiu: “[...] enquanto pintor, devemos lembrar que há essa grande beleza na cor da carne. [...] Nós, obviamente, somos carne, somos carcaças em potencial. Quando vou a um açougue, sempre penso que é surpreendente que eu não esteja lá no lugar do animal”.

O apelo é mais amplo que uma história de vida e morte. Há poesia no texto de Natasha. Há arte em todas as suas expressões em Faminta. Há música na trilha de Azul. Há o encantamento do circo no corpo de contorcionista de Natasha. Há uma mensagem inequívoca da força da mulher. Há talento em todos os momentos. Natasha e Duda fazem do palco uma arena em que a metáfora exerce uma fascinação na platéia.

SERVIÇO**FAMINTA**

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

De 1 a 23/6, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associados Sesc)

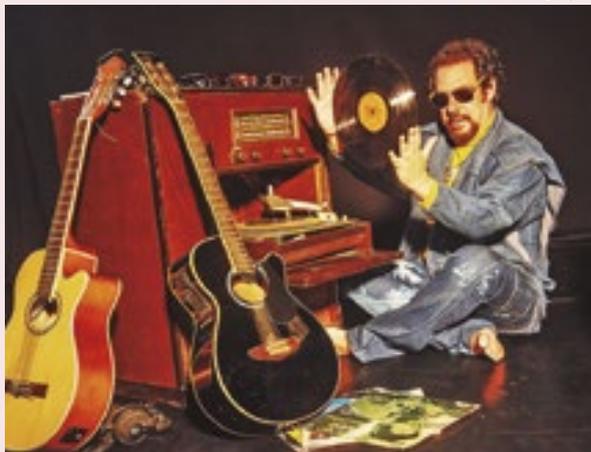
NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Tem mais Raul

“Raul Seixas - o musical”, com Bruce Gomlevsky, dramaturgia e direção de Leonardo da Selva, prorrogada temporada no Teatro Claro Mais durante o mês de junho. Fã de Raul Seixas desde cedo, Gomlevsky foi convidado por Leonardo da Selva, que autorizado pela família do músico, teve acesso aos seus manuscritos - um rico material que expõe as reflexões do próprio Raul Seixas sobre sua obra, seus afetos, sua ética, o papel do artista na sociedade e sobre o Brasil e apresenta 20 canções emblemáticas de Raul.

Dalton Valério/Divulgação



Divulgação

**Diversão itinerante**

A Cia Teatro Independente convidou o diretor Paulo de Moraes (Cia Armazém) para montar “Caravana Alucinada”, de Jô Bilac - com Carolina Pismel, Kênia Bárbara, Jefferson Melo, Júlia Marini e Paulo Verlings - em cartaz na Caixa Cultural/Teatro Nelson Rodrigues. Inspirada na Carreta Furacão, é uma viagem pelo universo da periferia carioca, contando a história de artistas itinerantes que se caracterizam como figuras populares dos quadrinhos e da TV (Betty Boop, Popeye, Ursinho Pooh, Fofão, etc) para animar festas pelo subúrbio e interior do país.

Mark A.B./Divulgação

**A Pequena Notável**

Comemorando os 115 anos do nascimento da cantora e atriz Carmen Miranda em 2024, a atriz Renata Ricci protagoniza o musical Carmen Miranda – Pra Você Gostar de Mim. O espetáculo tem direção de Celso Correia Lopes, direção musical de Reinaldo Sanches e texto de Guilherme Gonzalez. A montagem fará apresentações nos dias 08, 09, 15 e 16 de junho no Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá. Carmen foi a primeira sul-americana a ser homenageada com uma estrela na Calçada da Fama, considerada por muitos a artista brasileira com maior projeção no exterior.



Rodrigo Teaser - Tributo ao Rei do Pop

SHOW

TRIBUTO AO REI DO POP

*Michael Jackson vive no tributo de Rodrigo Teaser, que reproduz fielmente os arranjos, vocais, coreografias e figurinos do astro. Dom (9), às 21h, no Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 70

RAINHAS

*A cantora Izzy Gordon reverencia as grandes artistas que foram e são sua inspiração. 8/6, às 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

METAL JAM

*Festa comandada por Thiê Rock (Lion Heart) e Jimmy London (Matanza) celebrando Iron Maiden, Sepultura, Metallica, Linkin Park e Led Zeppelin, entre outras. Sáb (8), às 17h, no Imperator (Rua Dias da Cruz, 18 - Méier). A partir de R\$ 55

TEATRO

PRIMA FACIE

*Fenômeno mundial, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada que tem como clientes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150

LÍNGUA

*Com direção de Vinicius Arneiro, o espetáculo leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses de comunicação universais. Até 30/6, de qui a dom (20h30) no Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE

*Sozinho no palco, o ator Claudio Amado conta com a participação espontânea da plateia para criar cinco cenas inéditas e improvisadas a cada apresentação. Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro). Sex e sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

BELCHIOR, ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESTE ANO EU NÃO MORRO

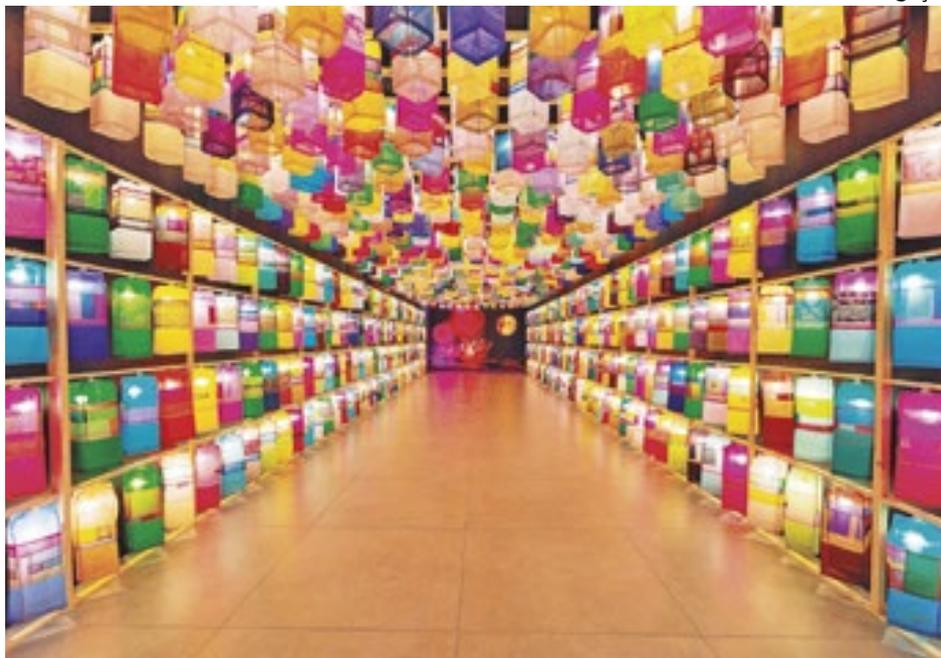
*O musical sobre a vida e obra do cantor e compositor faz curta temporada no Teatro da UFF (Rua Miguel de Frias, 9 - Icaraí - Niterói). Sex e sábados (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Luzes da Coreia

HUMOR

ELA TÁ CORRENDO ATRÁS

*Em seu novo show, Bruna Louise segue o propósito de fazer a plateia gargalhar, mas também empoderando e combatendo os preconceitos, julgamentos e escolhas que tentam fazer por ela. 12/6, às 20, no Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 19,50 (meia) e R\$ 120

INFANTIL

SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO

*Protagonizado pelo potiguar Palhaço Piruá, espetáculo parte da dramaturgia do argentino Walter Velázquez numa história de comicidade e sensibilidade. Até 7/7, sáb e dom (16h) no Teatro I do

Ivana Mascarenhas/Divulgação



Ano passado eu morri mas este ano eu não morro

Cíntia Pimentel/Divulgação



Tiago Calderano

Divulgação



Carioquíssima na Roça

Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Infantil: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 2 (associado Sesc) | Adulto: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50 (assoc. Sesc) e grátis (PCG)

A INFINIDADE DOS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO

*O músico Tiago Calderano (Orquestra Sinfônica da UFRJ) mostra as incontáveis possibilidades sonoras da percussão através de diferentes melodias, sonoridades e ritmos. Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa). Dom (9), às 15h. Grátis

EXPOSIÇÃO

DOS BRASIS

*O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe a exposição

Divulgação



Arapuca

Divulgação



Os chefs Gustavo Rodrigues e Marcelo Bastos

“Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro”, dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

ARAPUCA

*Os artistas visuais Ricardo Siri e Deborah Engel assinam uma exposição que colocando em evidência as intrincadas teias da vida cotidiana e da criatividade compartilhada. Até 9/7 no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 - Centro). Seg, qua e sex (14h às 20h) e ter, qui, sáb e feriados (10h às 18h). Grátis

LUZES DA COREIA

*Um mergulho em uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva com

instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia).

SER MULHER

*A artista plástica Carla Carvalhosa traz pinturas e esculturas com material de reuso representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres. Até 15/6. Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

GASTRONOMIA

INVASÃO PAULISTA

*O Braseiro Labuta recebe os chefs do restaurante paulista Lobozó, Gustavo Rodrigues e Marcelo Bastos, que assinam um cardápio especial. Rua do Senado, 65 - Centro. Dom (9). Reservas: (21) 97577-3209

EVENTO

ENCONTRO COM EDUCADORES

*O mês de junho começa com um conjunto de novidades na programação do CCBB Educativo – Lugares de Culturas, entre elas o Encontro com Educadores, que será neste sábado (8), às 10h, com a artista multimídia Cila Mac Dowell, também professora da Escola de Belas Artes da UFRJ, num debate sobre questões relacionadas à temática da exposição “Luz Æterna”, em cartaz no CCBB

ARRAIÁ SESC RJ

*Maior circuito de festas juninas do estado, o Arraiá Sesc RJ 2024 vai acontecer entre 8/6 e 14/7. Serão 35 festas em 13 cidades, entre unidades e hotéis do Sesc e espaços parceiros. O arrasta-pé vai contar com brincadeiras e barracas com comidas típicas, quadrilhas e shows. Ingressos a preços populares.

CARIOQUÍSSIMA NA ROÇA

*A temporada de festas juninas começou e a tradicional “Carioquíssima na Roça”, edição temática da feira Carioquíssima, fará três eventos em junho. Neste fim de semana, o agito junino chega à Praça General Tibúrcio, na Urca, a partir das 14h. Além dos tradicionais expositores, vai ter muito forró e xote.

Elas têm o que dizer

Com participação 100% negra e feminina, o Presença Festival apresenta duas noites de música e arte no Circo Voador



LUEDJI LUNA



BLOCONCÉ

Fotos/Divulgação

Encerrada a sua parte teatral, o Presença Festival está de volta com suas atrações musicais. Serão duas noites de shows exclusivos no Circo Voador, marcando o início do Mês do Orgulho LGBTQIAPN+ no Rio. Estrelas como Preta Gil, Gaby Amarantos, Luedji Luna, Majur, as rappers N.I.N.A e MC Soffia e as DJs Laís Conti e Sô Lyra fazem parte do line-up, que na edição 2024 do festival, é 100% formado por mulheres pretas.

Assim, para a abertura dos shows, nesta sexta-feira (7), sobem ao palco Luedji Luna e Majur, duas talentosas cantoras baianas que trazem a energia contagiante do território do Senhor do Bonfim, e a rapper N.I.N.A, que subverte o cenário do rap nacional, historicamente ocupado por homens. A DJ Laís Conti e o bloco carioca “Bloconcé”, que toca os sucessos de Beyoncé em ritmo de carnaval, completam a programação.

Na noite de sábado (8) é a vez de Preta Gil brilhar, estreando no festival, assim como Gaby Amarantos, vencedora do Grammy Latino 2023 na categoria “Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa” com seu “Technoshow”, a MC Soffia e a DJ Sô Lyra. Para animar a plateia, o bloco O Baile Todo apresenta uma performance vibrante, com hits do funk carioca tocados por uma banda com instrumentos de percussão e metais.

O Presença Festival também abraça a cultura ballroom, que remonta a história do

movimento LGBTQIAPN+ preto e latino e, além das apresentações musicais, o festival terá duas Balls temáticas, que abrem as noites dos dias 7 e 8, celebrando a potência da comunidade LGBTQIAPN+.

Além disso, também no Circo Voador, será exibida a exposição “Ixé Maku - Eu Ancestral” da artista visual Auá Mendes. Indígena do povo Mura, nascida em Manaus, o trabalho da artista carrega temas da ancestra-

lidade indígena, destacando questões de identidade e pertencimento, e trazendo narrativas autênticas. A exposição permanecerá durante os dois dias de festival, proporcionando uma imersão completa na riqueza e diversidade da cultura indígena. Auá utiliza as obras como ferramenta de fala e política, do corpo marginalizado preto, indígena e transvestigênera.

“O Presença cresceu, o festival amadureceu, musicalmente e também como projeto,

e trouxemos nesta edição um olhar especial de valorização para as sonoridades brasileiras. É incrível ter um line-up formado 100% por mulheres pretas. E não só isso, são artistas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ ou que são comprometidas com a nossa causa”, afirma o publicitário e produtor cultural José Menna Barreto, idealizador, diretor artístico e curador do festival.

Para aqueles que desejam explorar ainda mais a diversidade cultural do festival, neste domingo (9), haverá uma série de atividades gratuitas no Centro de Movimento Deborah Colker, na Gávea, incluindo workshops de dança, exibição de curtas-metragens, exposição de artes visuais, feira gastronômica, oficinas e contações de histórias.

SERVIÇO

PRESENÇA FESTIVAL

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº) 7 e 8/6, a partir das 20h, shows com Luedji Luna, Majur, N.I.N.A, DJ Laís Conti, Bloco Bloconcé, Purusuco Juicy Ball, Preta Gil, Gaby Amarantos, MC Soffia, Bloco O Baile Todo, DJ Sô Lyra e Aquaglam Ninja Ball
Ingressos a partir de R\$ 70 (por noite)
Centro de Movimento Deborah Colker (Praça Santos Dumont, 2 - Gávea) 9/6, a partir das 10h, workshops de dança, exibição de curtas-metragens, exposição de artes visuais, feira gastronômica, oficinas e contações de histórias. Grátis



GABY AMARANTOS



PRETA GIL

MAJUR

Daniel Jobim, neto do compositor, e Kell Smith apresentam tributo aos 50 anos de um dos maiores discos da história da MPB

Por Affonso Nunes

Álbun seminal da música popular brasileira, “Elis & Tom” (1974) é mais do que uma reunião de canções. O encontro entre o maior melodista e a maior cantora brasileiros vivos à época é um manancial de histórias e um legado para as gerações e gerações de artistas que fazem da canção sua arte e ofício. Daniel Jobim, neto do nosso maestro soberano, e a cantora Kell Smith apresentam turnê em celebração aos 50 anos do álbum icônico no show “Tributo a Elis & Tom” neste sábado (8) no Vivo Rio.

Quando Elis Regina e Tom Jobim decidiram se reunir em Los Angeles para gravar o álbum nem mesmo eles imaginavam o marco histórico deste trabalho, um divisor de águas na história da música brasileira.

Seguindo os passos do avô na carreira artística, Daniel é cantor, pianista e compositor, além de se dedicar a perpetuar a obra histórica criada por Tom. “Logo depois que nasci, o álbum ‘Elis & Tom’ foi lançado e durante toda a minha vida presenciei de perto o quanto este trabalho transformou a música brasileira, conquistando novos fãs a cada geração, se tornando eterno. Essa também é a minha história, faz parte da minha vida e é um privilégio poder continuar cantando e tocando os corações das pessoas com as músicas do meu avô”, explica Daniel.

A escolha de Kell Smith para acompanhá-lo nesta turnê-homenagem não foi aleatória, como conta o músico. “Conheci a Kell em 2018 e me encantei com sua voz, sua potência vocal, afinação e interpretações lindas que ouvi das músicas de Elis cantadas por ela”, diz Daniel.

“Assim que eu escutei o disco ‘Falso Brillante’ fui atravessada pela arte e vida de Elis Regina. E a partir daí, já completamente apaixonada, comecei a mergulhar no universo da Elis e através dela fui iniciando a minha mais linda viagem pela música brasileira”, diz a cantora, que tatuou uma homenagem a Elis pra não esquecer onde tudo começou. “E esse foi só o co-



Elis e Tom nos bastidores da gravação de álbum que, por pouco, não deixou de existir

Para recordar Elis e Tom

Divulgação



Daniel Jobim e Kell Smith relembram as canções do histórico álbum gravado por Tom Jobim e Elis Regina em Los Angeles, em 1974

meço. Ela é mais do que minha maior influência, ela é meu primeiro amor”, destaca a cantora e compositora paulistana.

Documento histórico

Há um ano os bastidores desta reunião de talentos vieram à tona com o do-

documentário “Elis e Tom, Só Tinha de Ser Com Você”, de Roberto de Oliveira, Jom Tom Azulay. Depoimentos de pessoas envolvidas direta ou indiretamente no projeto são editados com trechos musicais densos e delicados do encontro.

A ideia arrojada de produzir o disco

que, a princípio, não tinha a simpatia do músico e nem da cantora, partiu de André Midani (1932-2019). “Elis e Tom” é um disco de Elis ou de Tom? Em princípio seria um álbum de Elis e sua banda, tocando composições de Jobim e cantando com a sua participação. Mas, por outro lado, se tornaria também um projeto a seu modo capitaneado pelo compositor, que teve 14 de suas canções interpretadas pela mais importante cantora do país”, lembra o executivo em depoimento no documentário.

É notório que os 18 dias em que o pianista César Camargo Mariano, então casado com Elis, trabalhou nos arranjos, em diálogo com Jobim, foram tensos e penosos. A cantora chegou a arrumar as malas para voltar ao Brasil. Por fim, a gravação engrenou.

O filme revela como foi se dando a progressiva aproximação - em interação cada vez mais sedutora e afetiva - entre o arreado compositor e a desconfiada intérprete, algo que beleza do disco não nos deixava perceber.

Mas o talento não estava apenas no trabalho da dupla em estúdio. A banda arregimentada para o disco era uma reunião de músicos extraordinários e entrosados: Hélio Delmiro (guitarra), Oscar Castro Neves (violão), Luizão Maia (baixo) e Paulo Braga (bateria), além do próprio César Camargo Mariano (piano acústico, elétrico e arranjos).

SERVIÇO

TRIBUTU A ELIS E TOM

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

9/6, às 21h

Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 280

Por Affonso Nunes

Uma das mais expressivas bandas do cenário indie nacional, a goiana Carne Doce apresenta neste domingo (9), no Teatro Rival Petrobras, o novo show de seu mais recente álbum “Cererê”, quinto disco da banda que está completando dez anos de carreira.

Lançado em março, o trabalho é inspirado na efervescente cena de música alternativa de Goiânia dos anos 2000-2015, período em que inúmeros festivais e bandas independentes consolidaram importante movimento de resistência à monocultura sertaneja.

“Cererê” foi apresentado apenas em cinco capitais e chega ao Rio após três anos da última passagem da banda pela cidade, durante o Festival Levada. O potente espetáculo, conhecido pela contagiante performance da frontwoman Salma Jô, terá ainda faixas dos álbuns “Princesa” (2016), “Tõnus” (2018)

Muito além dos sertanejos

Banda goiana Carne Doce mostra as canções de ‘Cererê’, seu mais novo álbum



e “Interior” (2020).

A história da Carne Doce teve início com o casal Salma e Macloys,

que lançaram o EP “Dos Namorados” em 2013. No ano seguinte, com a adesão dos músicos João

Victor, Aderson Maia e Ricardo Machado, a banda lançou seu primeiro álbum homônimo, que já

demonstrava um som singular.

Em 2016, o segundo álbum, “Princesa”, impulsionou a banda para o cenário nacional. A faixa “Tarde de Domingo” se tornou um hit, consagrando o grupo e abrindo portas para apresentações em grandes festivais, como Lollapalooza e Rock in Rio.

Com o lançamento de “Tõnus” em 2018, a Carne Doce consolidou sua identidade musical. O disco apresentou uma sonoridade mais madura e experimental, expandindo os horizontes da banda e conquistando mais fãs.

Em 2020, durante a pandemia da COVID-19, a Carne Doce lançou o álbum “Interior”. Gravado à distância, o disco explorou temas introspectivos e reflexivos, trazendo uma atmosfera mais intimista.

SERVIÇO

CERERÊ - CARNE DOCE

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 9/6, às 18h30

Ingressos entre R\$ 30 e R\$ 80

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Divulgação



Divulgação



Maurício Fernandes/Divulgação



Casos & canções

Sinônimo da boa música que vem do Rio Grande do Sul, Kleiton & Kleidir apresentam uma retrospectiva dos grandes momentos de uma carreira de mais de 40 anos em clima intimista e descontraído em temporada especial no Blue Note Rio com shows nesta sexta-feira (7) e nos dias 21 e 28. Os dois irmãos contam histórias divertidas e relembram seus sucessos em versão acústica em violão e violino.

Amor na Serra

Neste sábado (8) que antecede o Dia dos Namorados, Belo mostrará todo o seu repertório romântico no show “Amor na Serra”, no resort Le Canton, em Teresópolis, a partir das 22h30m. O repertório estará repleto de grandes hits, como “Desse jeito é rum pra mim”, “Quero te amar”, “Um sonho bom” e “Vi amor no seu olhar”, entre outros. Não hóspedes também podem comprar ingressos.

Cinemando

O quinteto Night Grooves retorna ao Blue Note Rio este sábado (8) para uma segunda edição do show Cinema em Jazz. A banda reinventa os clássicos das telonas em arranjos de jazz, blues e swing contagiantes. Passando por composições de Ennio Morricone, John Williams e clássicos da Disney, cada música é uma viagem pelas eras do cinema. Atração para todas as idades e todos os gostos cinematográficos. 20h e 22h30.

Sempre Beatles

O Teatro Rival apresenta nesta sexta-feira (7) o show da banda Black Bird – Beatles Cover celebrando 26 anos de estrada. Com fãs até em Liverpool, terra dos Beatles, a Black Bird banda é composta por Xande Maio (vocaís e bateria), Tigran Magnelli (teclados, guitarra e vocal), Luís Gamma (voz, violão e guitarra), Vitor Veiga (guitarra e vocais), Daniel Castro (baixo e vocais) e Flávio Armony (teclados).

Mãeana e a bossa com ares de pisadinha

Cantora e compositora mostra sua 'Pisa nova', a mistura de João Gilberto com João Gomes

A cantora e compositora Mãeana volta aos palcos cariocas, desta vez no Teatro Rival Petrobras, neste sábado (8), às 19h30, com seu show "Mãeana canta JG", que vem acumulando elogios de crítica e público. Mãeana é o nome artístico da carreira de Ana Cláudia Lomelino, ex-vocalista da banda Tono, integrada também por Bem Gil, seu marido.

A cumplicidade do casal se revela em arranjos e duos carinhosos, em que as cordas do violonista fazem cama para a voz cool e a criatividade de Mãeana.

O repertório do show tem a mistura entre as canções eterniza-

das pelo baiano João Gilberto e os atuais sucessos do pernambucano João Gomes, referência da pisadinha. As cidades de Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, se encontram na ponte formada por Mãeana, resultando no que ela apelidou de "pisa nova", a levada do piseseiro com a intenção da bossa nova.

As músicas fazem parte de um álbum lançado em formato de cinco EPs nas plataformas digitais no segundo semestre do ano passado. A cantora revela que é difícil para ela explicar a origem desse repertório. "Mas posso dizer que é algo que sinto no coração, quando escuto uma canção que me dá vontade de cantar. Como diz Caetano cantar



Mãeana gravou em 2023 álbum unindo as sonoridades de João Gilberto e João Gomes

é ter o coração daquilo. Gosto de cantar o que soa natural para mim, algo que possa acolher meus erros também, porque pra mim é difícil manter o encanto tendo que repetir muitas vezes", conta.

Dona de uma voz delicada e uma estética poética como poucas, a nora de Gilberto Gil lançou seu disco de estreia em 2015, com composições de Adriana Calcanhotto e Caetano Veloso, que assinou também o release. No final de 2018, entrou em turnê com Letícia Novaes com o show "Letrux e Mãeana Cantam Bruxas".

Além de Bem Gil, outro integrante da clã, José Gil (percussão), acompanha a cantora.

SERVIÇO

MÃEANA CANTA JG

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 8/6, às 21h
Ingressos:

CRÍTICA / DISCO / O CANTO E A ASA

Por Aquiles Rique Reis*

Cantar é a natureza de Luísa Lacerda

Hoje vamos de O Canto e a Asa (independente e nas plataformas digitais), o segundo álbum solo da cantora e violonista Luísa Lacerda. Considero Luísa um baluarte dentre as cantoras de grande talento, sobre as quais costume dizer que são mulheres que, graças aos deuses, (r)existem. Luísa canta e toca violão em todas as faixas. Eis algumas.

"Do Alto da Macambira" (Carlos Chaves e André Lacerda). Arranjo: Luísa Lacerda e Carlos Chaves; violão: Carlos Chaves; baixo: Elísio Freitas. Com as cordas trazendo a força nordestina, a resiliência de Luísa aflora. Com leve vibrato na voz, ela é toda brasilidade. O ritmo dá um respiro e Luísa canta ad libitum. Amparado pelo baixo, o violão ponteia. Logo, novamente

ad libitum, o suingue retoma a pisada e o fim se aconchega.

"Uirapuru, o Canto e a Asa" (Ian Faquini e Rogério Santos). Arranjo: Luísa Lacerda e Maria Clara Valle; violoncelo: Maria Clara Valle. Com o cello, a intro cria uma atmosfera que remete à seiva vital da natureza. O canto de Luísa flui visceral, como o uirapuru. A melodia é suave. O cello usa o arco e, com o violão, acompanha a voz que clama pela preservação.

"Enigma" (Ilessi e Bernardo Diniz). Arranjo: Luísa Lacerda, Elísio Freitas e Ilessi; voz: Ilessi; guitarra e baixo: Elísio Freitas. O violão abre



com um duo vocal de Luísa e Ilessi. Luísa se vale de seus agudos afinados para ir às notas em busca do amor. Ilessi canta com ela e, juntas, em terças e ad libitum, finalizam.

"Xangô" (Miguel Rabello e Paulo César Pinheiro). Arranjo:

Luísa Lacerda, Miguel Rabello, Diego Zangado e Elísio Freitas; voz: Miguel Rabello; bateria e percussão: Diego Zangado. Os atabaques batem para o canto em duo ao orixá, que vem pela voz de Luísa e Miguel, enquanto os versos do poeta prestam loas à religião de matriz africana.

"Carapuça" (Hugo Kauã e Edu Kneip). Arranjo: Luísa Lacerda, Hugo Kauã e Edu Guimarães; sanfona: Edu Guimarães. Violão e voz desnudam o louvor à mãe criadora. A sanfona se junta. Os três se mostram inteiros. Arritmo, a melodia segue em busca de comover... realiza!

"Dentro de Ti" (Tuca Zamagna e Thiago Thiago de Mello). Arranjo: Luísa Lacerda, Thiago Thiago de Mello, Diogo Rebel e Elísio Freitas; piano: Diogo Rebel; efeitos, baixo e viola caipira: Elísio Freitas. Com sua viola, como se em meio ao arvoredo, Luísa canta aos passarinhos. O piano adere... que bonito!

"Música Parada" (Ítalo Soeiro e Renato Frazão). Arranjo: Luísa Lacerda e Elísio Freitas; voz: Renato Frazão; baixo, guitarra e efeitos: Elísio Freitas. Luísa se entrega à delicadeza da canção. Frazão se junta a ela e, em terças, cantam: "Música pra mim/ É pra te dar meu coração/ Música parada/ Madrugada, canção/ E fim".

E é assim, natural e franca, que Luísa Lacerda nos traz sua visão de cidadã do mundo.

*Vocalista do MPB4 e escritor

'Ficção é o último bastião da liberdade, mas está em crise'

Autora francesa Muriel Barbery diz que o Diabo é sinônimo da tendência atual à polarização, antagonismos paranoicos e ilusões identitárias

Por Daniel Salgado (Folhapress)

O Diabo está por todas as partes: nas guerras, na crise climática e no retorno do autoritarismo político. Principalmente, está na mentira, na erosão do diálogo, do conhecimento e da compreensão mútua. E a única arma para combatê-lo é a reflexão compartilhada - ou seja, a literatura de ficção.

Foi isso que defendeu a escritora Muriel Barbery em sua palestra no ciclo Fronteiras do Pensamento. Para a autora francesa, o Diabo é sinônimo do que descreveu como a tendência atual à polarização, aos antagonismos paranoicos, ao imediatismo e às ilusões identitárias.

"Ele impõe as imagens, quer propor um discurso sem alternativas, um relato pronto e simplista do mundo. A verdade não importa mais", argumentou a autora de



Muriel Barbery durante palestra no ciclo Fronteiras do Pensamento

livros como o best-seller "A Elegância do Ouriço" e, mais recentemente, "Uma Hora de Fervor".

Assim, em um mundo bombardeado por imagens violentas, polêmicas e desinformação, o Diabo é quem limita "a capacidade de entender o que vivemos".

Mesmo na França, terra "das luzes, da enciclopédia e da revolução", o debate deixou de existir. "Quase ninguém consegue ouvir o outro", desabafou a romancista. Para Barbery, que se inclui neste quadro, o que prevalece é a vontade de se ter razão, a raiz de uma "doença do pensamento".

Os efeitos são nocivos: o aumento dos conflitos armados após "décadas de promessas de paz per-

pétua" e das rupturas políticas, ecológicas e sociais. Uma sociedade hiperconectada e hipertecnológica incapaz da "compreensão e alteridade".

É nesse cenário que o romance literário surge como "o pior inimigo do Diabo", explicou Barbery. "A ficção de literatura é o que talvez possa salvar o real das más ficções. Ela requer que cada um crie suas próprias imagens, gerando uma ruptura. É o espírito da complexidade."

Para a autora, que tem formação na filosofia, a literatura oferece aos leitores um antídoto contra as "ditaduras do mesmo, do idêntico e da vaidade", se tornando "porta-voz da resistência dos nossos

tempos".

Segundo Barbery, isso acontece porque os romances permitem ao leitor se colocar no lugar dos personagens através de sua própria imaginação. "Ele diz que as coisas são mais complicadas do que o leitor pensa", argumentou a autora, parafraseando o escritor tcheco Milan Kundera.

Por meio de outra citação, desta vez ao argentino Ernesto Sabato, a francesa buscou definir o que torna a ficção especial: "no mundo moderno, abandonado pela filosofia e fracionado por centenas de especializações científicas, o romance é o último observatório de onde se pode abarcar a vida humana como um todo".

Mas esse "último bastião da liberdade" está em crise, indicou Barbery. Primeiro, pela queda de faturamento do mercado editorial de ficção literária pelo mundo. É um fruto do que a romancista chamou de mercantilização da cultura, "que mata a diversidade" em favor de obras que exigem menos concentração e esforço.

"Os romancistas fazem votos para desaparecer atrás do seu ficcional e permitem habitar completamente o personagem e esquecermos quem somos. Isso não é possível com personagens de filmes, que têm uma realidade física que nos distingue deles. Não os habitamos da mesma forma", argumentou.

De outro lado, o foco da crítica contemporânea em privilegiar os aspectos "políticos e sociais" da literatura seria mais um retrato da crise. Para Barbery, o romance é feito para "perfurar a muralha do tempo e evitar a ditadura do julgamento". Ou seja, não deveria ser apenas avaliado por sua relação com o presente, mas com as grandes questões da experiência humana em geral.

Até o contato com os leitores tem sido diferente, destacou a autora. Eles se mostram cada vez mais preocupados em simpatizar e concordar com os personagens ficcionais, chegando ao ponto de borrar as fronteiras entre as suas falas e as opiniões pessoais dos autores.

No fim, apontou Barbery, a questão é se a queda do romance literário é causa ou sintoma da sociedade tomada por narrativas únicas e cada vez mais totalitárias. E, ressaltou, não será ele o responsável por virar o jogo sozinho.

"Não tenho remédio mágico para propor, nenhuma esperança de derrotar o Diabo. Jamais um romance vai parar uma guerra", disse Barbery. Ainda assim, "o mundo que não tem mais leitura de ficção é um mundo perdido".

O ciclo Fronteiras do Pensamento terá palestras com nomes como Yascha Mounk, Nouriel Roubini, Anna Lembke e Simon Montefiore e já contou com a participação de Stuart Russell.

Divulgação

O Rio amanhece cantante

O dia amanheceu cantante. Um certo espírito desafiador pairava no zéfiro. Desconfio que eram Jakson do Pandeiro e Emilinha Borba numa desgarrada. Um duelo musical em que, Jack e seu pandeiro, apontava um mascar de canto de boca, um chiclete com banana e gritava: A, E, I, O, U, Y(pissilone). Acabou sendo retrucado, veementemente, pela “Garota grau dez favorita da Marinha”: “a Chiquita é bacana e se veste com casca de banana sim, e daí?”. Existencialista como o sol de um, quase verão. A confusão acabou com a chegada de Dalva: “Bandeira Branca...!”, afinal, branca é a tez da manhã. Com certeza o limbo está em festa, é o samba-rock meu irmão.

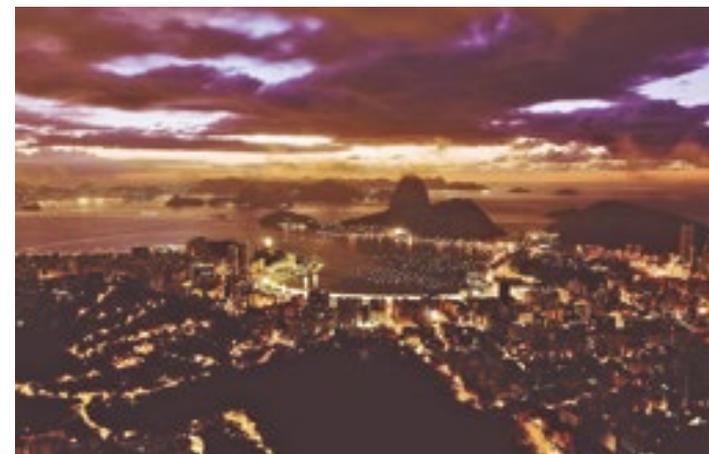
Amanheceu zimbrando. A impressão é de rocio, uma certa orvalhada. Chora, talvez, diante de tanta insensatez, diante de tanta falta de amor. Amanheceu borriçado, borraceiro. Amanheceu macambúzio, sorumbático. Talvez nem quisesse, com o ‘frio’ que se avizinha, preferisse ficar quietinho sob a cobertura dos nimbulus, cumulus e stratos. Dias assim, apesar do brilho que a garoa proporciona ao tornar os pisos da cidade em verdadeiros espelhos, não rendem muitas fotos.

O Sol, está lá, apareceu no firmamento, mas, apesar de seu esforço em se desvencilhar da nébula que envolve a Cidade Maravilhosa, qual o quê, inútil foi! Então assim, nas calhas das rodas e das casas, descem às lágrimas da natureza. Nas das rodas, escreve Pessoa, o coração, nos canos a realidade. O dia alvoreceu pura poesia de Paulo Coelho e Raulzito. O Sol anda ousado, numa dança sensual, quase erótica, serpenteia pelas costas de Íbis, beija-a, afaga-a, acarinha-a, adoça-a. O(n)de há açúcar, há afeto.

Hoje foi pura timidez. A passarada é que está meio ausente; parecem ter ido cantar e piar em outras freguesias. A Lua vivencia um minguar, desinfla pouco a pouco, tem se mostrado bela, faceira, muitas vezes por entre as nuvens se escondeu.

Venta, ventania matinal. Venta forte, venta alto, súplica para a vida melhorar, o tal lugar-comum dos ‘dias melhores virão’, quem sabe são sopros naturais anunciando um novo tempo de sensatez e esperança.

Rio, vejo-te com emoção, maravilhosa, vejo-te sol, acolho-te lua. Canto-te em verso, quem sabe, em prosa. Falo contigo. Tu me ouves, me respondes, revida meu amor por ti. Ah cidade amor, oh musa escancarada em



luz, oh Ria, ria, rio, Rio. Serás janeiro? Serás leal? Serás sorriso? Será admirável? Será cidade, serás puro e belo mosaico escancarado de

beleza. Mar-floresta, urbana cidade.

Serás Rio de Janeiro a janeiro? Serás fiel? “Quem não sabe povoar sua solidão, também

não saberá ficar sozinho em meio a uma multidão.” Escreveu Charles Baudelaire.

Sempre bons-Rios.

O amor está no ar (e na mesa)

Veja um roteiro de restaurantes e guloseimas para comemorar o Dia dos Namorados

Por Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love) Especial para o Correio da Manhã

Está chegando a data mais romântica do ano para os casais. E com ela, a busca por locais charmosos, presentes criativos e menus especiais para uma celebração à altura do Dia dos Namorados. Comemorado no Brasil, no próximo dia 12, esse ano, muitos restaurantes e confeitarias criaram cardápios exclusivos e promoções, alguns com duração para todo o mês de junho. Para quem ainda está na dúvida do que fazer, do que comprar, confira abaixo algumas sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:

SIGNATURE - O restaurante-escola do Le Cordon Bleu promoverá duas noites especiais para os casais (11 e 12 de junho). O menu inicia com velouté de aspargos e trufas, seguido de tartare de atum, acompanhado de cítricos, gengibre e chips de arroz, além da cavaqui-nha, com variações de couve-flor e espuma defumada. Para principal, Tournedos Rossini, com mil-folhas de tubérculos, minilegumes e jus de trufas. Para segunda opção, vieiras em crosta de avelã e risotto de funghi. De sobremesa, minestrone de frutas da estação com calda de framboesa e torta com ganache de baunilha, mousse e sorvete de morango com hibisco. A experiência custa R\$ 290 por pessoa. Reservas: (21) 97236-3218. Rua da Passagem, 179 – Botafogo.

MEDOVIK - A confeitaria, especializada no tradicional bolo russo, lança um novo sabor: chocolate

ruby com cereja. O bolo é feito com finas camadas de biscoitos artesanais com infusão de mel e recheio de chocolate ruby com cereja. A loja é a realização do sonho da confeitadeira Raisa Coppola, que, apesar de não ser russa, tem uma forte conexão com a cultura do país. As encomendas podem ser feitas até o dia 8 o bolo inteiro (R\$ 330 - 16cm / R\$ 415 - 20cm) ou em fatia (R\$ 39). Rua Visconde de Pirajá, 156 - Loja 203 – Ipanema. Tel: (21) 99579-9904

O BOM GALETO - A casa criou duas opções de menu para o dia 12 de junho, a partir das 19h. A primeira sugestão começa com um mix de entradas direto da brasa, com pão de alho, linguiça de churrasco, queijo coalho e legumes com molho à campanha e melado de cana. Para principal, a sugestão é o Baby beef com dois acompanhamentos a escolha. Para a sobreme-



Signature

Rodrigo Azevdo/Divulgação



Medovik

Divulgação



Café Cardin



Sardinha Taberna

Tomas Velez/Divulgação

Divulgação



O Bom Galeto

sa, churros com doce de leite (R\$ 169,95). O segundo menu traz como principal a Parmegiana de galeto com arroz, batata frita e farofa. Para finalizar, a aposta é a Larica de chocolate, mini porções de brownie, marshmallow, banana e abacaxi com caldas (R\$ 199,95). O casal que escolher qualquer um dos menus ganha de brinde duas taças de vinho branco ou tinto. Rua do Catete, 282 – Largo do Machado. Tel: (21) 2265-9482.

CAFÉ CARDIN - A data mais romântica do calendário se aproxima. Pensando em surpreender os casais apaixonados, a cafeteria oferece uma seleção de produtos muito especiais. Entre as opções está a Cesta de Café da Manhã dos Apaixonados (R\$ 290). É necessário encomendar com no mínimo 24h de antecedência. Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Tel: (21) 96703-5262.

ÉCLAIR - A chef Millena Sá preparou várias opções de fondue, que estarão disponíveis durante todo os meses de junho e julho. Ele serão oferecidos nas

versões: Fondue Salgado (R\$ 140 – 2 pessoas) na opção Queijo com os acompanhamentos com degustação éclair, camarão selado, carne selada, frango selado, pães selados e minibatatas calabresa e o Fondue Doce (R\$ 130 – 2 pessoas) nos sabores de Pistache; Caramelo Salgado com amêndoas e flor de sal e Chocolate preto. BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Tel: (21) 3556-9808.

SARDINHA TABERNA - A casa desenvolveu um menu especial que contempla entrada, prato principal e sobremesa. Começando com a porção de Bolinho de Bacalhau, um clássico que não pode faltar em uma casa portuguesa. Na sequência, como principal, o Bacalhau à Casa – Lombo de Gadus Morhua, purê de batata, cebola confitada e camarão VG ao azeite e alho ou o Bacalhau à Gomes de Sá - um tradicional prato lusitano com bacalhau em lascas e batatas em rodela. O valor do menu é R\$ 124,50 por pessoa. Rua Aristides Espínola, 101 – Leblon.



Éclair